O COTIDIANO DE PROFESSORAS DE ITAPIÚNA/CE NO ENSINO REMOTO: ENTRE ARRANJOS DOMÉSTICOS E DIDÁTICOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Maria Estefania Sabino Freitas[1]
Francisco Vitor Macêdo Pereira [2]

RESUMO

O resumo trata das transformações no âmbito privado e familiar em decorrência da necessidade da realização de aulas na casa das Professoras da Rede Estadual de Ensino em Itapiúna/CE. O objetivo é refletir sobre as mudanças em suas rotinas, em atendimento às aulas remotas no contexto pandêmico. A partir de uma discussão bibliográfica, estabelece-se o diálogo com quatro delas, além da coleta de fotos e relatos. Os resultados apontam para as discussões dos desafios, como a compra de novos equipamentos, adaptações e resistências ao novo formato de ensino, bem como para suas consequências no cotidiano doméstico, contribuindo para invisibilização e precarização do trabalho dessas mulheres.

Palavras-chave: COTIDIANO PROFESSORA ENSINO REMOTO .

UNILAB, INSTITUTO DE HUMANIDADES , Discente, hist.fania@hotmail.com[1]
UNILAB, INSTITUTO DE HUMANIDADES , Docente, vitor@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

No Brasil, desde o início de março de 2020, professores/as, alunos/as e suas famílias tentam se adaptar ao modelo de ensino remoto, em decorrência da pandemia de Covid-19. Nessa transição do ensino presencial para o ensino remoto, desde as suas próprias casas, as Professoras tiveram que improvisadamente, e às pressas, adaptar o seu lar e os seus instrumentos de trabalho para a realidade da *nova sala de aula*. Para tanto, não contaram *grosso modo* com nenhum tipo de auxílio técnico nem financeiro, nem dos governos nem das secretarias de educação: para lidar com as tecnologias, ter acesso a um bom pacote de internet, adquirir equipamentos adequados, transformar as suas casas em ambientes de trabalho e estúdios didáticos.

Se pudermos fazer essa metáfora, foi como se, *de uma hora pra outra*, as telas dos celulares e computadores tivessem se tornado as *portas da sala de aula*. O quarto, a cozinha e a sala de visitas da casa foram igualmente transformados: a *sala de aula* agora é um espaço aberto também para a sua família, que escuta e vê os/as seus/suas alunos/as, além dos/as seus/suas próprios/as filhos/as, que também estão estudando pelo celular. Os quartos de muitas dessas Professoras tiveram de se tornar *estúdios para a gravação de aulas* e outros materiais didáticos. Destas, poucas foram as que puderam comprar novos equipamentos, a fim de que, satisfatoriamente, pudessem transmitir as suas aulas, aumentando assim os seus gastos mensais.

A escuta ativa de colegas Professoras, inseridas nessas e em outras dificuldades, nos impulsionaram a pesquisar sob a perspectiva da história do cotidiano dessas mulheres, levando em consideração que “o tempo é apenas uma das três dimensões básicas e formadoras da existência humana, ao lado do espaço e do ser” (SOJA, p. 8, 1993). Esta pesquisa assume, portanto, como objetivo principal refletir sobre as mudanças de espaço e tempo na rotina das Professoras em decorrência da imposição das aulas remotas: entre ensinar, lidar com equipamentos e tecnologia, organizar os seus lares e procurar continuar vivas e saudáveis, sem que elas e as suas famílias contraiam o novo vírus. A pesquisa foi feita com um grupo de quatro Professoras de uma escola pública do Ensino Médio, no município de Itapiúna/CE, que lecionam as disciplinas de Redação, Química, Biologia e Matemática.

METODOLOGIA

Para a realização desse estudo, fez-se necessária uma breve revisão bibliográfica a partir das obras de Ribeiro (2017), Collins (1997), Freire (1986), entre outros(as), a fim de se discutir o valor e a representação dos detalhes na vida cotidiana - os quais costumam ser menosprezados ou mitigados, ante a busca por grandes acontecimentos ou marcos históricos. Nessa perspectiva, abordamos as mudanças, os gestos e as histórias do cotidiano como um problema, não uma descrição casual. Compreender o cotidiano histórico é

ISSN: 2447-6161

lançar um olhar sobre os discursos e movimentos que provocam transformações na vida dos sujeitos e sujeitas - consideradas/os, via de regra, como *invisíveis*. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, conversei com quatro professoras do Ensino Médio, entre elas, duas que se autodeclaram brancas e duas, negras. Através do *Google Meet*, dialogamos sobre as mudanças ocorridas em suas rotinas, no trabalho e na casa, ante a *transição* compulsória para o ensino remoto. Na oportunidade, elas me enviaram fotos que retratam as adaptações dos seus lares, e me concederam breves relatos a respeito de alguns detalhes de suas novas e desafiadoras experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A história do cotidiano é atravessada por permanências e mudanças. Através de fotografias que narram visualmente as suas novas vivências e de alguns breves relatos escritos, buscamos compreender como elas se auto afirmaram, diante do que lhes parece ter sido mais recorrente e dominante nesse inopinado contexto. Sob esse aspecto, "nos referimos à noção foucaultiana de discurso, (...) como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois que estamos falando de poder e controle" (RIBEIRO, p. 31, 2017).

Atenta à potencial problemática da abrangência das aulas remotas, a Professora de Redação observa: "Eu não vou tratar de questões sobre gênero e sexualidade com os meus alunos. Os pais estão ouvindo a aula em casa e sei que eles não têm maturidade pra isso. Não sei como vão interpretar". A mesma professora ainda afirmou que:

Depois de dar aulas, muitas aulas na sala de jantar, onde colocava muitos livros e quase não sobrava mais espaço para as refeições, decidi fazer um escritório em casa e sem nenhuma ajuda do governo. Várias reuniões têm acontecido na hora do almoço, então desligo a câmera do *Google Meet* e faço a minha refeição na hora do almoço.

No relato, identificamos alguns inegáveis desafios da atual docência no ensino remoto: O controle dos temas abordados, que poderão ser *mal interpretados* na casa dos/as estudantes, o medo da censura pelas famílias conservadoras e a ausência do Estado em investimentos com a Educação no contexto de pandemia: para o pagamento da energia elétrica das Professoras, a garantia de seu plano de acesso a uma internet adequada e dos seus instrumentos de trabalho, entre eles um bom notebook, com uma boa câmera e um bom microfone.

Ademais, o Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância não podem ser compreendidos como sinônimos, por isso é válido, no contexto em que estamos vivendo, clarificar esses conceitos. O termo *remoto*

ISSN: 2447-6161

significa *distante no espaço* e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado *remoto* porque professores/as e alunas/os estão impedidos/as, por decreto, de frequentarem as instituições educacionais, a fim de evitar a disseminação do vírus. É *emergencial* porque, *do dia para noite*, o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve de ser refeito. Foi preciso pensar em atividades pedagógicas mediadas pelo uso da internet, pontuais e aplicadas em função das restrições impostas pela covid-19, com o objetivo de minimizar os impactos na aprendizagem. (Cf. **BEHAR, Patricia Alejandra.** O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância. UFRGS, 2020. Disponível em: Artigo: O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância – Coronavírus (ufrgs.br)>. Acesso em: 9 de abr. de 2021).

Vale, no entanto, pontuar a micro-resistência ao que é instituído nessa conjuntura, isto é: reuniões na hora do almoço e a *transgressão* de, assim mesmo, fazer a refeição *no meio da reunião*, com a câmera desligada mudando sua atenção. "O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem." (BOURDIEU, 1989, p.7-8), logo observamos que, o que é instituído não traduz o que as pessoas desejam ou aceitam na nova rotina. Ao seu modo, elas resistem contra a ordem, o poder e o controle impostos.

Ao se referir sobre os medos e a ousadia no cotidiano das/os professoras/es, Paulo Freire observa que "o sistema escolar foi criado por forças políticas cujo centro de poder está distante da sala de aula. Se a educação não é a alavanca da transformação, como é que podemos compreender a educação libertadora?" (SHOR, FREIRE, p. 27,1986). Deste modo, a construção de uma educação libertadora depende também da organização, do poder e da liberdade de se ser e de se fazer autonomamente no exercício da docência, na qual são aqueles/as, envolvidos/as diretamente em seus processos, os/as que decidem os objetivos a serem cumpridos e os caminhos a serem percorridos.

Ao analisar as histórias das mulheres e do cotidiano, Mary Del Priore, por sua vez, afirma que:

Desde os primórdios, a luta pela própria sobrevivência ou a dos seus foi a marca de nossas ancestrais. A dupla jornada de trabalho existiu para a maior parte delas. O trabalho no campo ou na cidade, em casa ou nas ruas, era acrescido de muitas outras tarefas, fundamentais para a estabilidade da família. Depois de um dia extenuante de trabalho fora, havia ainda o que fazer" (PRIORE, p. 26, 2001).

Diante disso, da perspectiva dessas Professoras, a fim de que se construa uma educação libertadora, é necessário se discutir os desafios concretos que elas enfrentam no dia a dia, valorizando o seu conhecimento crítico situado na realidade, e atrelado a questões de gênero, raça e classe social. No que tange às especificidades das novas práticas pedagógicas dentro de casa, a Professora de Matemática relata:

Em casa eu me sinto mais cansada do que na escola, porque tenho que dividir meu tempo entre diversas reuniões, aulas, formações e as tarefas domésticas. Algumas reuniões acontecem na hora do almoço e meu

ISSN: 2447-6161

marido fica esperando terminar, pra depois eu poder colocar as coisas do almoço. Além disso, sempre preciso ir dormir mais tarde, para dar conta do filho, da casa e do trabalho.

Pensar a partir dessas experiências contribui para a desconstrução de estereótipos e discursos hegemônicos: a respeito do que é *ser Professora* e do mito da *profissão como missão*. Questionam-se igualmente as crenças que é *ser mulher*, como aquela que *naturalmente* é a responsável por diversas tarefas - referentes ao zelo e ao cuidado da casa, dos/as filhos/as e do marido, e que precisa *dar conta de tudo sozinha*. Pensamos, dessa forma, por meio da "quebra de uma visão dominante e de uma tentativa de caracterizar o lugar de fala" (RIBEIRO, p.32, 2017), em deslocar os debates acerca da atual realidade das Professoras no Brasil; a fim de não pontuarmos somente as dificuldades das/os estudantes com o ensino remoto, mas igualmente no sentido de evidenciarmos as atuais configurações dos redobrados desafios em contexto pandêmico: como sujeitas de direitos que precisam ter seu tempo, seu espaço e seus direitos respeitados.

Conforme veremos nas fotografias(contidas nos slides e vídeo), algumas dessas Professoras tentam - como podem - utilizar os seus equipamentos pessoais para *dar uma boa aula*: como microfones e luminárias recém adquiridos (por conta própria), além do *antigo* quadro branco. Dessa forma, elas têm exposta uma parte da vida privada, com a exibição doméstica das aulas gravadas, e transformam toda a sua rotina familiar, tendo de adequar os cômodos, os horários da família e a decoração da casa.

O silenciamento e a falta de debate sobre políticas e investimentos, para auxiliar essas Professoras nas atuais condições do exercício da docência, contribuem para a desvalorização profissional, a precarização do trabalho e a manutenção da subalternização nas relações educacionais. Além disso, ao pensarmos a casa como o referencial das memórias e da intimidade, percebemos que as alterações extemporâneas impostas nos gestos, nos comportamentos e na organização dos detalhes da rotina afetam os direitos dessas Professoras à sua privacidade, à inviolabilidade doméstica e lhes são causa de imoderada desarmonia no convívio familiar, dadas as modificações compulsórias nos seus horários de dormir, se alimentar e trabalhar junto aos/às seus/suas familiares.

Além disso, as práticas pedagógicas e as políticas educacionais seguem marcadas em uma sociedade inveteradamente desafiada pela globalização e prejudicada pela mais recente onda neoliberal e ultraconservadora, notadamente com a ausência ou a diminuição drástica dos investimentos em Educação, precarizando assim as políticas de formação, qualificação e valorização das Professoras, comprometendo ainda a viabilidade da escola pública e as próprias condições mínimas à vida democrática.

CONCLUSÕES

ISSN: 2447-6161

As fotografias (conferir nos slides/vídeos) trazem em si um relato, mostrando a constituição de si, do espaço e do trabalho. Através da triangulação das fontes orais, teóricas e visuais, podemos perceber elementos que estruturam a sociedade e as desigualdades nela existentes, as quais são exacerbadas em contextos de crise, como o que ora vivemos diante da pandemia de Covid-19. Logo, vale aqui salientar que "as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade, como elementos da estrutura social, emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades" (COLLINS, p. 378, 1997).

Ao analisarmos as narrativas das Professoras, compreendemos que as estratégias elaboradas sujeitos(as), na reinvenção do exercício da docência, trazem desafios para si mesma/o, para a família, a casa e o trabalho - os quais seguem subestimados ou invisibilizados, em sua maioria. É como se, ao se verem desafiadas a se reorganizar para continuar produzindo a sua existência, elas estivessem construindo uma trajetória de *agentes secretas da modernidade*, em processos dicotômicos, contraditórios e precário: entre o moderno e o tradicional, o público e o privado, o anonimato, a invisibilidade e o protagonismo e o *heroísmo* docentes.

AGRADECIMENTOS

Aos diálogos com o meu Orientador com refinadas análises teóricas e metodológicas.

Às professoras do Ensino Médio de Itapiúna/CE, que contribuíram com fotos e relatos, possibilitando a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BEHAR, Patricia Alejandra. O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância.**UFRGS**, 2020. Disponível em: Artigo: O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância – Coronavírus (ufrgs.br)>. Acesso em: 9 de abr. de 2021.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

COLLINS, Patricia Hill. Comentário sobre o artigo de Hekman 'Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited': Onde está o poder? Signs, v. 22, n. 2, p. 375-381, 1997. [Tradução de Juliana Borges].

ISSN: 2447-6161

DEL PRIORE, Mary. Histórias do cotidiano. Editora Contexto, 2001.

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala?. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SHOR, Ira. Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor / Ira Shor, Paulo Freire; tradução de Adriana Lopez; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SOJA, Edward. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ISSN: 2447-6161